

“Aqui é legal”: de um espaço de desinteresse à uma educação desinteressada, uma experiência na Biblioteca Municipal de São Mateus - ES

Ellen Zouain
Ailton Pereira Morila

279

Resumo: O presente relato de experiência busca apresentar práticas desenvolvidas na Biblioteca Pública Municipal Clementino Rocha de São Mateus – ES durante o estágio em contextos não escolares do curso de Pedagogia. Dando ênfase às aplicações experimentais e suas contribuições ao espaço enquanto fomentador de cultura e território para processos educativos de caráter emancipatório, autônomo e não obrigatório.

Palavras-chave: Educação não-formal, biblioteca, educação desinteressada, práticas experimentais.

“It’s cool”: from a space of disinterest to a disinterested education, an experience at the Municipal Library of São Mateus – ES

Abstract: This report seeks to present practices developed at the Municipal Public Library Clementino Rocha in São Mateus - ES during the internship in non-school contexts of the Pedagogy course. Emphasizing experimental applications and their contributions to space as a promoter of culture and territory for educational processes of an emancipatory, autonomous and non-mandatory nature.

Keywords: Non-formal education, library, disinterested education, experimental practices.

Introdução

Este relato foi construído a partir das vivências proporcionadas pela realização do estágio em contextos não escolares por 3 alunas do curso de pedagogia, que teve como cenário a Biblioteca Pública Municipal Clementino Rocha, em São Mateus-ES, nos meses maio e junho de 2019. Após a observação do espaço e diálogo com seus usuários, foi montado um projeto para que fosse possível criar uma rede de ocupação cultural, a fim de possibilitar a movimentação e valorização deste espaço, desenvolvendo práticas, seguindo a proposta de Gohn, acerca dos temas geradores na educação não formal.

A escolha dos temas geradores dos trabalhos com uma comunidade não pode ser aleatória ou pré-selecionada e imposta do exterior para o grupo. Esses temas devem emergir a partir de temáticas geradas no cotidiano daquele grupo,



temáticas que tenham alguma ligação com a vida cotidiana, que considere a cultura local em termos de seu modo de vida, faixas etárias, grupos de gênero, nacionalidades, religiões e crenças, hábitos de consumo, práticas coletivas etc. (GOHN, 2010, p.51)

O estágio aqui citado faz parte das disciplinas que compõem a grade do nono período do curso de Pedagogia da Universidade Federal do Espírito Santo, campus São Mateus, e possui 60 horas que devem ser cumpridas dentro de uma instituição que se caracterize enquanto espaço não formal de educação. Nessas 60 horas propostas, 20 consistem na observação do ambiente, 10 horas para coleta de dados e informações sobre a unidade, 10 horas para a preparação e desenvolvimento de um projeto para o local e 20 horas de aplicação deste projeto. Desta forma, este estágio, busca cumprir com a proposta constante no Projeto Pedagógico do Curso de Pedagogia do CEUNES (2011) que “organiza sua matriz formativa focalizando à docência e a gestão para atuação do pedagogo na escola básica e em espaços formais ou não formais que necessitem dos conhecimentos pedagógicos”. Para dar subsídio ao estágio, concomitantemente acontece também a disciplina teórica de Educação em Contextos não escolares que possibilitou o contato com diversos autores e correntes teóricas que serviram de fundamento para as práticas que serão elucidadas neste trabalho.

A Biblioteca Pública Municipal Clementino Rocha, hoje situada no centro da cidade, existe no município desde o ano de 1944, porém, atualmente encontra-se num momento de esvaziamento, sendo pouco frequentada ou mesmo tida como um espaço desinteressante e esquecido em meio às novas possibilidades que a vida contemporânea oferece em termos de informação. Este fato observado durante a concretização do estágio serviu de ponto chave para nortear os objetivos traçados para o desenvolvimento de uma intervenção no local para promover a ocupação do espaço Biblioteca Pública enquanto um território de possibilidades educativas e de emancipação dos indivíduos, abandonando o estigma social do espaço enquanto continuidade do ambiente obrigatório escolar e indo de encontro aos aspectos e pressupostos de uma educação não formal, onde “a aprendizagem de conteúdos que possibilitem

aos indivíduos fazer uma leitura do mundo do ponto de vista de compreensão do que se passa ao seu redor é fundamental.” (GOHN, 2010, p.35).

Revisão de literatura

A tentativa primordial do projeto de intervenção foi a de cumprir com uma proposta de uma educação *desinteressada*, ou seja, que não busca naqueles que são tocados por ela uma finalidade sólida, ou que tem sobre esses um interesse por detrás de sua aplicação. Tornar evidente a possibilidade de que a educação pode ser interessante, partir daquilo que se deseja e por meio da busca conjunta pela emancipação com base no conhecimento. Para tal cumprimento, no ideal de educação de Gramsci apresentado por Paolo Nosella e Mário Luiz Neves de Azevedo no artigo A educação em Gramsci, que explicam:

Portanto, para Gramsci, o termo 'desinteressado' conota um horizonte cultural amplo, de longo alcance, que interessa objetivamente não apenas a indivíduos ou a pequenos grupos, mas à coletividade e até à humanidade inteira. (NOSELLA; AZEVEDO, 2012, p. 27)

Dialogando com o ideal de uma educação desinteressada provinda das propostas de Gramsci, aponto a educação não formal que para Gohn, (2006, p. 28) vêm designar...

...um processo com várias dimensões tais como: a aprendizagem política dos direitos dos indivíduos enquanto cidadãos; a capacitação dos indivíduos para o trabalho, por meio da aprendizagem de habilidades e/ ou desenvolvimento de potencialidades; a aprendizagem e exercício de práticas que capacitam os indivíduos a se organizarem com objetivos comunitários, voltados para a solução de problemas coletivos cotidianos e a aprendizagem de conteúdos que possibilitem aos indivíduos fazerem uma leitura do mundo do ponto de vista de compreensão do que se passa ao seu redor, dentre outras.

Assim o espaço do desenvolvimento da educação não formal é um território possível para a concretização de uma educação desinteressada, uma vez que a escola, em sua formalidade e cultura tecnicista e formativa, acaba por não explorar no indivíduo suas potencialidades.

Sabemos, no entanto, que pensar na biblioteca enquanto espaço não formal de educação, que visa o desenvolvimento de um saber mais amplo e emancipatório, tem-se tornado um grande desafio, uma vez que este espaço vem sendo cada vez mais ligado ao estigma da pura leitura ou mesmo de uma continuidade da educação formal e obrigatória que se faz desinteressante (e não desinteressada) à aqueles que veem na escola, principalmente, um lócus de inibição das particularidades e da livre expressão. Este processo, que possui um caráter histórico começa por volta de 1971, onde as escolas deixam de atender às pesquisas dos estudantes e as bibliotecas públicas, devido à demanda destes, modifica sua estrutura conceitual, disponibilizando a partir daí as tão procuradas enciclopédias, este histórico é evidenciado por Milanesi (1983, p.54) em “O que é Biblioteca”. O autor ainda aponta que “antes dessa drástica mudança, a biblioteca pública era uma iniciativa que tinha claras intenções de aprimorar a vida cultural do município ou até mesmo de estimular a boa leitura”. A partir de então, a mentalidade de um espaço de pesquisa, continuidade do cotidiano escolar, invade a proposta real da biblioteca pública.

Assim, a fim de apontar a função desses espaços, em 1994, é publicado o MANIFESTO da IFLA/Unesco sobre Bibliotecas Públicas, que busca garantir que a biblioteca pública se caracterize enquanto potência em prol da educação, da informação e da cultura, sendo um instrumento substancial para promover a paz e a compreensão entre povos e nações

Experiências vivenciadas

Utilizar os temas geradores foi um desafio pois estes pressupõem um público fixo. Porém, na Biblioteca Pública Municipal Clementino Rocha, onde as práticas foram desenvolvidas, foi necessário trabalhar com a rotatividade de pessoas frequentando o espaço, ou mesmo o não frequente aparecimento de gente por lá.



Literatura



Figura 1 - Primeiro dia do desenvolvimento das práticas, apresentando a Biblioteca à jovens que não a conheciam. A primeira fala de uma estagiária para o grupo: “aqui é legal”, gente”.

O primeiro contato que tivemos com frequentadores da biblioteca foi com uma professora de um projeto de menor aprendiz. Ao conversarmos com ela sobre a biblioteca e seus procedimentos, ela nos perguntou da possibilidade de ajudarmos a dar início à um projeto de leitura e escrita com seus alunos, uma vez que estes, jovens de 14 a 16, já possuíam uma carga extensa de disciplinas tanto na escola quanto no projeto, mas mesmo assim demonstraram muito interesse pelo gênero “contos”, e para que este interesse não se perdesse, precisavam de algo mais lúdico e motivador que a sala de aula. Ficamos animadas com a proposta e junto a ela organizamos uma data para trazer a turma à biblioteca para que eles pudessem ter contato com o acervo de literatura e através disso pudéssemos organizar uma roda de leitura e conversa e também de produção de contos.

Tínhamos ali nosso primeiro tema gerador. Marcamos o dia, pedimos que a biblioteca emitisse um convite ao projeto que possibilitou que os alunos fossem liberados para um dia na biblioteca. Com a chegada dos alunos, fizemos o que lá chamam de atendimento padrão, apresentamos o acervo, o espaço, explicamos sobre o procedimento de locação de livros, alguns fizeram na mesma hora o cadastro para tal. Deixamos que se acomodassem da melhor

forma e fizemos um bate papo informal, nos apresentamos, eles também se apresentaram e fomos deixando que falassem sobre o curso/projeto que participavam, escola, aspirações e interesses. Pedimos que falassem também sobre o contato com a biblioteca, muitos deles não sabiam da existência da biblioteca pública na cidade, outros sabiam, mas nunca pensaram em ir conhecer ou visitar, por terem uma ideia de um “espaço meio chato” comparando à biblioteca escolar, que já conheciam. Com base em nossos estudos falamos um pouco do papel e história da biblioteca pública e da importância dessa ocupação desse espaço. A professora que os acompanhava participou das discussões e colaborou muito no intuito de afirmar essa importância do espaço e sua ocupação. Vimos uma animação nos jovens, de sentimento de pertencimento. Fomos ao acervo buscar alguns livros de contos, para seguir a programação proposta por nós e a professora. Distribuimos alguns, outros alunos quiseram ir ao acervo e procurar por crônicas e poesias também. Foi uma tarde muito descontraída e produtiva. Um dos alunos achou um livro de Romeu e Julieta com as rubricas teatrais, e achou engraçado a forma como o livro dispunha das características e falas “comentadas”, e quando falou sobre isso durante a socialização dos textos lidos, alguns falaram sobre ter feito alguma apresentação teatral na escola, mas que nunca viram um “teatro assim de verdade”, contei um pouco sobre minha experiência com o teatro e todos ficaram animados e interessados em assistir ou participar. Como estávamos em processo de montagem de uma performance para um evento, perguntei se gostariam de participar desse processo de montagem e assistir aos ensaios que teríamos naquela semana. Por conta de outras atividades, alguns não poderiam ir no turno da tarde, mas três alunos, um deles o que havia lido um pouco do texto de Romeu e Julieta disseram que voltariam para participar com certeza e perguntaram se poderiam trazer algum amigo, assim, nascia mais uma temática e mais uma atividade de ocupação na biblioteca.



Teatro



Figura 2 - O primeiro espetáculo que visita a Biblioteca. Fala de um dos integrantes do grupo: “Nossa, ‘aqui é legal’ podíamos vir sempre”.

Conversamos com o grupo de teatro para que a reunião fosse lá, e com os funcionários, todos gostaram da ideia, e retornamos à biblioteca com o grupo, infelizmente apenas dois alunos do grupo anterior retornaram na data marcada, mas trouxeram amigos para participar. Juntos conversamos sobre a temática do evento para o qual estávamos montando a intervenção, eles nos fizeram muitas perguntas sobre as práticas do teatro, como escolhíamos os textos e outras questões. Como era também o primeiro encontro do grupo para a então montagem, tínhamos apenas os textos isolados, o que possibilitou que dividíssemos os trabalhos de montagem do roteiro, da marcação de cena e tudo mais com o restante das pessoas presentes, que ficaram muito empolgadas de serem inseridas nesse processo. Tivemos dois encontros antes da apresentação e todos retornaram para continuar auxiliando e participando do processo. Um dos jovens compareceu à apresentação que aconteceu na abertura de um evento de uma faculdade da região.

Música



Figura 3 - Jovem criando um grupo na rede social *Whatsapp* para convidar mais amigos a virem à Biblioteca para participar de uma tarde musical, em áudio ao grupo ela diz que a “Biblioteca de São Mateus é bem legal”.

Durante o processo de montagem do breve espetáculo, inserimos músicas e utilizamos “instrumentos de percussão improvisados” potes com sementes, garrafas e outras coisas, isso despertou muito interesse nos jovens envolvidos que nos contaram sobre o gosto pela música, mas que raramente tem tempo para ela ou mesmo conseguem se reunir com esse propósito por conta de “dever de casa” e outras atividades que são a eles obrigatórias. Aproveitamos o ensejo para extrair dali mais uma atividade, propusemos uma reunião para falar de música, cantar e tocar, uma das estagiárias propôs que cada um levasse algo, pequena biografia ou alguma música de alguém de quem é fã para a gente socializar. Assim fizemos, o encontro contou com novas pessoas, tivemos a oportunidade de falar sobre os gêneros musicais, nosso contato com a música, e até mesmo de fazer uma pequena atividade de fazermos sons, com os instrumentos disponíveis, que nos representassem de alguma forma. Ao final da atividade a estagiária contou que foi uma prática que ela havia criado junto à um grupo a qual fez parte durante um curso que fizemos na UFES. De repente, o assunto da vez virou o curso e suas práticas. Eles perguntaram se poderíamos levar algumas dessas práticas para fazermos

juntos. Assim, marcamos uma nova data para o desenvolvimento de algumas atividades.

Artes plásticas



287

Figura 4 - Jovem pensando em qual tipo de escultura gostaria de fazer. A conversa era sobre a universidade, e um dos garotos disse: “A UFES parece um lugar que tem um monte de coisas legais que fazem a gente pensar mais coisas diferentes né?”

Ao retornarmos, novas pessoas, levamos alguns materiais diversos, papéis, tintas e outros, mas o que fez muito sucesso foi a argila. Assim, repetimos a prática feita durante o curso, utilizamos uma música que um dos presentes trouxe no último encontro, ele falou novamente sobre ela e depois criamos esculturas sobre nossa representação. Alguns preferiram utilizar os outros materiais, escrever, desenhar ou fazer outro tipo de produção. Deixamos todos muito à vontade para se expressar como preferirem. Durante a confecção das esculturas e produções artísticas, ficamos conversando sobre coisas cotidianas, e um dos assuntos que apareceu foi o cinema da cidade e a falta dos filmes que gostaríamos de assistir, o assunto tomou uma proporção legal, e um dos participantes, perguntou se poderíamos nos juntar para assistir um filme ali. Como a biblioteca não possuía recursos audiovisuais, falamos que poderia ser uma possibilidade, mas que teríamos que ver se conseguiríamos o material. Assim, mais uma proposta de atividade aconteceria.

Cinema



Figura 5 - Enquanto aguardávamos o filme ser colocado, a discussão levantou a seguinte questão “como pode alguém ter tanta criatividade a ponto de conseguir transformar palavras de um livro em imagens no cinema?”

Conseguir o material audiovisual foi até simples com a ajuda do orientador do estágio na universidade, porém, uma data que se adequasse a todos foi difícil. O clima de chuva também atrapalhou nossos planos e foi necessário adiar algumas vezes. O filme havia sido escolhido durante o último encontro, porém, descobrimos que ele era um lançamento e não encontramos disponível, uma das estagiárias deu uma sugestão que todos adoraram, assistir a um filme chamado “O menino que descobriu o vento”, filme onde a biblioteca tem um papel fundamental para o protagonista, ela também deu a ideia de fazermos algo semelhante a um projeto que acontecia na universidade, e assim, levaríamos questões para serem discutidas, possibilitando um espaço de diálogo e reflexão. As duas funcionárias que estavam presentes no turno da exibição do filme, adoraram o processo, dizendo que uma boa ideia seria a criação de um cineclube na biblioteca. Utilizamos a sala de livros infantis, que além do espaço divertido tem poltroninhas que deixaram todos acomodados. Levaram até pipoca para socializar, apesar de comer na biblioteca estar contra as “normas”, as funcionárias disseram que “filme sem pipoca não tem graça” e se juntaram a nós.

Com o passar das práticas criamos uma rede de comunicação com as pessoas que foram ocupando o espaço, essas pessoas acabaram sendo

sempre rotativas, porém, nos apresentavam às outras, alguns dias contamos com um número maior de gente e em outros um número menor, mas pelo menos o convite para participar das práticas tomou proporções interessantes e ajudaram a dar visibilidade ao espaço. Algumas ideias iniciais foram sendo abandonadas ou mesmo reformuladas de acordo com a construção do projeto na prática real, uma vez que os próprios participantes iam nos levando a adotar outras práticas a formular novas propostas, isso caracterizou um processo que achamos incrível de naturalidade nas atividades, que tornou o espaço leve, descontraído, abandonando de vez o estigma de obrigatoriedade e de que a biblioteca era apenas um espaço para estudo, uma mentalidade que acompanhava cada novo participante ou visitante, que via a biblioteca como uma extensão da escola.

Conclusão

Ao iniciarmos o estágio de educação em contextos não escolares, de fato fomos lançados a um ambiente completamente novo. Ao nos depararmos com a problemática do público no local escolhido, ficamos um tanto perdidos quanto ao que e como fazer. O que fazer para contribuir com um espaço tão importante e tão esquecido. Foi necessário agarrar as oportunidades de trazer gente e visibilidade ao local.

As atividades propostas, construídas a partir das próprias vivências e interesses daqueles que compartilhavam do espaço conosco foi fundamental para o bom desenvolvimento, e mesmo para que fluísse de forma descontraída, fugindo de qualquer semelhança ao obrigatório proposto pela escola ou por espaços formais de educação. Conseguimos através de nossas práticas, propiciar um ambiente de reflexão, autonomia e diversão ao mesmo tempo que movimentamos o espaço e trabalhamos para a disseminação da ideia de ocupá-lo.

Assim, cumprimos com a proposta de uma educação não formal, onde “a aprendizagem de conteúdos que possibilitem aos indivíduos fazer uma leitura do mundo do ponto de vista de compreensão do que se passa ao seu redor é fundamental.” (GOHN, 2010, p.35). O que deixou a desejar em nossa



prática foi a rapidez com que cada tema foi realizado, uma vez que uma infinidade de novas propostas poderia ter sido explorada dentro de cada um deles.

Referências

290

GOHN, Maria da Glória. **Educação não formal e o educador social: atuação no desenvolvimento de projetos sociais**. São Paulo: Cortez, 2010.

GOHN, Maria da Glória. Educação não-formal na pedagogia social. In: **Proceedings of the 1. I Congresso Internacional de Pedagogia Social**. 2006.

NOSELLA, Paolo; AZEVEDO, Mário Luiz Neves de. A educação em Gramsci. **Rev. Teoria e Prática da Educação**, v. 15, n. 2, p. 25-33, maio./ago. 2012.

UFES. **Projeto Pedagógico do Curso de Pedagogia na Modalidade Licenciatura**, São Mateus, 2011.

MILANESI, Luís. **O que é Biblioteca**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1983.

UNESCO. **MANIFESTO da IFLA/Unesco sobre Bibliotecas Públicas**. 1994. Disponível em: <<http://archive.ifla.org/VII/s8/unesco/port.htm>>. Acesso em: 16 de maio de 2019.

Ellen Zouain

ellenzouain@gmail.com

Mestranda em Ensino na Educação Básica da Universidade Federal do Espírito Santo. Graduada em Pedagogia pela UFES.

Ailton Pereira Morila

apmorila@gmail.com

Doutor e Mestre em educação pela Faculdade de Educação da USP. Bacharel em História pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP. Engenheiro Mecânico pela Escola de Engenharia de São Carlos-USP. Professor Associado da Universidade Federal do Espírito Santo. Membro Permanente do Programa de pós-graduação em Ensino na Educação Básica. Pesquisador do Prometheus Núcleo de Estudos Críticos.

